

Ficha de Entrevistas

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A PESSOA ENTREVISTADA

Nome ou Apelido

Rodrigo Lima.

Quem é?

Rodrigo é agente do projeto de prevenção no Centro de Referência e Defesa da Diversidade Sexual Brunna Valin (CRD), no qual fazia campos de prevenção, visitando baladas, cinemas e saunas para distribuir preservativos e conversar com as pessoas. Além desse trabalho, ele também fez drag por 9 anos e por motivos pessoais parou.

Responsável pelo Entrevista

Jaime Solares Carmona, acervo Repep, no dia 29 de setembro de 2016.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA

Jaime: Oi, eu sou o Jaime, sou voluntário na REPEP e eu vou entrevistar o Rodrigo.

Rodrigo: Rodrigo Roberman Lima.

Jaime: Hoje é 29 de Setembro, são 10 para as 19:00. Você só autoriza eu a usar...

Rodrigo: Eu, Rodrigo Roberman Lima, autorizo a gravação.

Jaime: A princípio a gente só vai transcrever, eventualmente a gente entra em contato depois para ver se tudo bem.

Rodrigo: Sim, sim, tranquilo.

Jaime: Mas é mais para a fonte primária... Eu estava conversando com a Silvana.

Jaime: Silvana é a menina que trabalha comigo... Sobre como é que o CRD surgiu, como é que ele se desenvolveu, que tipo de público vocês trabalham... E dentro da REPEP, do eixo LGBT, eu estou mais focado na cultura Drag Queen, na ocupação Drag Queen e no banheiro da República e do Arouche. E ai, eu conversei um pouco sobre o geral, mas eu não sei se você tem alguma coisa ou experiência ou conhece alguém que tenha tido experiência com o banheiro que existia na República e no Arouche.

Rodrigo: No Arouche... na praça?

Jaime: Na praça, sem ser o banheiro do metrô.

Rodrigo: É ... assim. Eu conheci algumas pessoas, algumas pessoas que eu conheço já frequentaram o banheiro da República, só que depois da reforma que foi feita, que mudaram

a questão das cabines, a questão é que não tem mais mictório. Mudou a respeito da cassação, então, não existe mais isso lá. Aí centraliza em alguns outros pontos da cidade.

Jaime: Quais, você consegue identificar, talvez

Rodrigo: Alguns amigos meus falam do banheiro da Barra Funda...

Jaime: Longe do centro?

Rodrigo: É... mais distante sim. Não fica mais tão próximo. Porque o que tinha no Arouche era muito assim... quando eu comecei a entrar no mundo LGBT eu conheci o banheiro do Arouche e era uma coisa assim de maluco assim. Mas aí o que acontece, quando eles começam a te deixar isso mais restrito começam a, por exemplo, tirar ... é que nem o shopping West Plaza... o West Plaza não..

Jaime: O Iguatemi ?

Rodrigo: Não, o que tem no Anhangabaú.

Jaime: O light

Rodrigo: O light, qual foi a estratégia deles para tirar essa questão da cassação do público gay no banheiro? É cobrar. Então eles cobram a entrada do banheiro. Mas mesmo assim existe a cassação entre o público GLS lá dentro e aí os seguranças ficam até um pouco mais assim, próximos para tentar evitar. Mas ainda acho meio difícil. Ainda é difícil inibir né.

Jaime: Cassação, você diz a procura...

Rodrigo: A procura de masturbação... sexo é muito mais difícil também... pelo que a gente vê em aplicativos. Enfim, não. Não existe. Porque acontece, quando você descentraliza isso as pessoas começam a buscar outros recursos, então, por exemplo, eu trabalho com prevenção... é um projeto daqui do CRD que é a prevenção, prevenção LGBT, então é prevenção arco-íris que é feito pela prefeitura, um projeto da prefeitura que chamou algumas pessoas de fora e aí eu fui convidado para participar. É um projeto voluntário, enfim... a gente faz distribuição de preservativo no cine arouche, no cine república, em todos os cinemas da região e casas voltadas para isso, sexual. Enfim... Então, quando você descentraliza isso, as pessoas começam a buscar esses outros recursos, que é o que , que é o cine arouche... Então no Cine Arouche, na lateral dele, tem as cabines que custam 2 reais. Então as pessoas acabam indo para as cabines, então você vê menos procura na rua, porém as pessoas já vão para esses lugares que são mais específicos. Então, por exemplo, a cabine também do Cine Paris, custa 2 reais para entrar então tem pessoas que passam lá o dia todo para a procura de sexo, mas lá no Paris eles pagam. Porque, por exemplo, você tem um michê. Geralmente tem um michê lá dentro, então geralmente as pessoas mais velhas pagam para esses rapazes para poder ir para o ato final, porque eles não fazem de graça. Agora no Arouche não, no Arouche é cassação mesmo... vai gay enfim, eles se caçam e ficam.

Jaime: Você consegue identificar uma faixa etária mais específica que procura esse tipo de sexo ou é gente de todas as idades, todas as classes sociais.

Rodrigo: Tem, tem. É assim. Classe social, é um pouco mais complicado porque a gente não consegue mais identificar, a gente identifica assim, mais ou menos pelo estilo de roupa, pela caracterização da roupa. Então a gente consegue ter uma visão um pouco mais ampliada. É... mais ou menos assim. Eu acho que a faixa etária é muito complicado a gente falar, porque eu trabalho há 8 meses fazendo campos de prevenção aos finais de semana então é muito variado o público, mas geralmente eu acho que fica dentro da faixa de 20 a 50 anos, aí são algumas exceções que passam que são mais velhos, bem mais velhos, porque menor não entra, o menor não tem acesso. Então sempre tá nessa faixa etária porque é mais fácil você identificar uma pessoa mais idosa. Mas as pessoas mais idosas estão dentro dos cinemas, então estão dentro dos cinemas à procura de transexuais, travestis. Enfim...

Jaime: Entendi.

Rodrigo: Agora a classe social mais complicado. Eu acredito que olhando assim, a grosso modo, bem grosso modo assim, buscando na minha memória, eu acho que são pessoas de classe média baixa... até pessoas de classe média baixa.

Jaime: Pessoas que moram aqui no centro?

Rodrigo: Pessoas que moram, mas a maioria não. A maioria, não. A maioria são dos extremos zona leste, zona oeste.

Jaime: De fora de São Paulo?

Rodrigo: Não, na capital de São Paulo mas nos extremos.

Jaime: Pessoal vem da periferia, de bairros mais distantes...

Rodrigo: Pessoal vem dos bairros mais distantes para trabalhar e a procura de sexo, então já aproveita entre o trabalho e já vai à procura de sexo logo após para depois ir para casa.

Jaime: Então, em teoria, os horários de pico são tipo, no almoço e na saída.

Rodrigo: É.

Jaime: Está relacionado então ao trabalho.

Rodrigo: Está muito relacionado ao trabalho, muito, muito. É o maior horário de pico é sexta-feira, por exemplo, as ... Geralmente às 18:00, é bem cheio. Bem cheio, bem cheio, horário de almoço, nem tanto... Horário do almoço não tem muito assim, até tem, mas não muito. Eu acho que eu consigo observar pessoas que talvez estivessem desempregadas ou à procura de emprego, enfim...

Jaime: Você consegue identificar gente em situação de rua?

Rodrigo: Muito, no Paris, é o que mais tem, os michês que fazem programa lá... São pessoas que são moradores de rua,

Jaime: A é?

Rodrigo: Aham, são esses miches, mas assim, são michês com um pênis enorme assim, coisa sabe, surreal. É uma coisa que você olha...

Jaime: Figuras...

Rodrigo: São... demais assim. E eu acho que é esse o atrativo deles. Então ali existe até uma certa forma... porque assim quem vai ali em busca de sexo são pessoas mais velhas no Paris, são pessoas que estão na região do lado do Anhangabaú, pra essa região do anhangabau , mais pro lado do anhangabau. . Então essas pessoas são geralmente mais velhas, tem por volta de uns 40 anos, 30 e poucos anos são geralmente pessoas mais gordinhas. Isso é bem perceptível nesse cinema específico. Os meninos que trabalham lá que a gente conhece alguns meninos. São geralmente meninos que moram na rua, que moram em albergues, que moram nessa região central que não trabalham. Eles trabalham só com isso,

Jaime: Com prostituição,

Rodrigo: Só com prostituição, então geralmente eles ficam na praça ou quando não ficam na praça, ficam lá

Jaime: Praça, você diz....

Rodrigo:Na Praça da República.

Jaime: Entendi.

Rodrigo: Eles ficam naquela na praça em busca de clientes, mas quando não aparece eles arrumam 2 reais e vão para a cabine ai na cabine eles cobram uma média de 20 a 30 reais por cliente, mas ali o maior atrativo é o pênis, eles ficam expostos o tempo todo, eles ficam expostos, se masturbando, e aí o cliente para na porta...

Infelizmente houve um problema na gravação. Daqui em diante é um relato feito a partir de anotações feitas por Jaime Solares Carmona:

A "cassação" seria o processo de caçar um parceiro para as atividades sexuais dentro dos banheiros públicos – “banheirões”. O Shopping Light começou a cobrar para entrar nos banheiros, o que reduziu a cassação, mas não terminou. Os banheirões foram para outros locais como a Barra Funda, e também os cinemas pornô, em decorrência dessa descentralização. A maioria das pessoas que vai aos cinemas não mora no Centro, mas moram em bairros mais distantes. Entendo que isso teria relação com o fato dos bairros ao redor do Centro serem mais de uma classe média para cima, que frequentaria outros

espaços de prazer. Em geral, os michês não possuem trabalho formal e moram no Centro, em albergues ou não têm moradia. Se prostituem na Praça da República ou nos cinemas, desenhando portanto um trajeto.

Relatou que não têm surgido novos cinemas, e nem tem sumido os existentes, são algo “fixo no tempo”. O interessante é que quem frequenta os cinemas têm de 20 a 50 anos de idade e esta atividade está ligada ao trabalho no Centro. O horário de pico é às 18h, havendo atividade também no almoço. O dado mais importante dos cinemas é a discrição, pois ali dentro ninguém vai se reconhecer ou acusar, há garantia de anonimato. No Cine Paris o perfil das pessoas é de gente de aproximadamente 40 anos. Na Kratos há um casal heterossexual que sempre está lá. Rodrigo soube de apenas uma vez em que veio uma mulher para transar com várias pessoas, sem preservativo. Em geral, as mulheres que frequentam os cinemas estão sempre acompanhadas por um parceiro que pode ser o marido que irá vê-las transar com vários parceiros. Em termos de horário, a madrugada é mais reservada à prostituição travesti e transexual.

Rodrigo já fez Drag e ela se chamava Willy. Relata que parou de fazer, mas que existiu por 9 anos. Conseguiu maior entrada no mundo drag queen pois era andrógina, algo raro no meio. Se apresentava no Rainbow Club em Pinheiros, e depois passou a ser chamada para os clubes do Centro, como Freedom. Ela parou, pois seu parceiro não gostava do mundo drag pela questão dos bastidores. Rodrigo fala como, por vezes, é um lugar exposto às drogas e que há o "atendimento", uma prática de quererem oferecer “boquetes” para heterossexuais. Ele considera isso uma submissão. Relatou que no mundo Drag acontece isso em relação aos gogo boys, que algumas vezes assediam as drags mais novas para excitá-los, de forma a ficarem eretos para o show ou por pura relação de poder. Nos bastidores rola muito ego e o circuito é muito fechado. Rodrigo falou que não gostava de ficar com meninos enquanto estava montado, pois essa atração ele identifica como sendo de quem gosta de travestis.

As drag queens trabalham muito por núcleos, em geral, ao redor de determinada boate, onde podem ir e voltar de suas casas a pé. Essas "drags regionais" (termo que ele usa) dificilmente circulam pelo centro, onde estão as boates de maior prestígio, em especial a Blue Space, considerada a única com infraestrutura voltada para shows drags. Segundo ele, trabalhar lá é o “céu”, o máximo que você pode alcançar, especialmente como residente. O backstage Drag tem o “vício”, que seria uma espécie de competitividade do meio entre as Drags queens.

Depois falamos mais do cinema, dos impactos que a gentrificação pode causar na região. Rodrigo fala que nunca precisou ir ao cinema, pois ele compreende que isso seria o último recurso, reduzir o sexo ao corpo. Daí em diante há níveis, como a sauna que cobra 30 a 40 reais, e seleciona seu público. Algumas vezes, as saunas não permitem que moradores de rua entrem, por exemplo, mesmo pagando. Porém, no cinema com 2 reais eles entram e ficam.

Rodrigo identifica muito preconceito ainda dentro da comunidade LGBTQIA+, e diz que enquanto isso não acabar, o preconceito de uma forma geral não terminará. Há uma rixa forte entre drag queens e travestis, entendo que porque em geral drags são mais afeminadas e compartilham os marcadores do feminino.

Para ele, a Chill Peppers representa essa elitização na região. Notou que algumas travestis que moram na região, ali perto mesmo, tiveram que ir para a Penha, por exemplo, ou para a Zona Sul, pelo aumento do preço do aluguel. A diferença é que o ponto delas que era, por exemplo, na Roosevelt vai para a Bento Freitas. Seu local de trabalho se desloca, e seu

trajeto na cidade aumenta. Por isso ele acreditou que o Minhocão como parque afetaria pouco, pois as transformações já estão ocorrendo. Os moradores de rua iriam para localidades próximas, porém seriam expulsos pelas travestis, em geral, elas não querem ter o seu trabalho associado à mendicância, o que rebaixaria o valor delas. Na maioria das vezes, nos cinemas os michês são pessoas em situação de rua com um penis grande. Sobre a Banda Fuxico todo mundo ouve falar mas ninguém foi. Por fim, ele identificou uma contrapressão imobiliária dos usuários de drogas, que já estariam chegando na República, a 3 ruas da Rua Vieira de Carvalho.